

Erguem-se fantasmas

Em Novembro passado tive um pesadelo.

Estávamos em 1924 e encontrava-me em Riverton outra vez. Todas as portas estavam abertas de par em par, a seda oscilava com a brisa de Verão. Uma orquestra fora colocada no alto do morro, sob o velho plátano, os violinos entoavam preguiçosamente as suas cadências, envolvidos pelo calor. O ar vibrava com o ruído estridente de risos e cristais e o céu exibia aquele azul que todos pensávamos ter sido irremediavelmente destruído pela guerra. Um dos criados, elegantemente vestido de preto e branco, deitava champanhe no cimo de uma torre de flutes de vidro e todos aplaudiam, deliciados com o magnífico desperdício.

Vi-me a mim própria, como é habitual nestes sonhos, movendo-me por entre os convidados. Movendo-me lentamente, muito mais lentamente do que é possível na vida real, os outros reduzidos a uma mancha confusa de seda e lantejoulas.

Procurava alguém.

Então o cenário mudou e eu estava perto da casa de Verão, só que não era a casa de Verão em Riverton – não podia ser. Este não era o edifício novo em folha que Teddy projectara, mas uma velha estrutura onde a hera trepava as paredes, retorcendo-se pelas janelas, estrangulando os pilares.

Alguém chamava por mim. Uma mulher, uma voz que reconhecia, vinda das traseiras do edifício, na margem do lago. Desci a ladeira, as minhas mãos roçando os juncos mais altos. Um vulto estava agachado na margem.

Era Hannah, no seu vestido de noiva, salpicado na frente com lama, que manchava as rosas decorativas. Ela olhou para mim, com o rosto pálido ao emergir da sombra. A sua voz gelou-me o sangue. – Vens tarde de mais. – Apontou para as minhas mãos, – Vens tarde de mais.

Olhei para as minhas mãos, mãos juvenis, cobertas com a lama escura do rio, e nelas, o cadáver rígido e frio de um *foxhound*.

Sei o que o provocou, claro. Foi a carta da cineasta. Não recebo muita correspondência hoje em dia: o postal ocasional de um amigo dedicado que se encontra em férias; uma carta rotineira do banco onde tenho uma conta-poupança; um convite para o baptismo de uma criança de cujos pais me apercebo com grande surpresa já não serem eles mesmos crianças.

A carta de Ursula chegara numa terça-feira de manhã em finais de Novembro e Sylvia trouxera-a consigo quando veio fazer a minha cama. Franzi as sobrancelhas proeminentes e acenava-me o sobrescrito.

– Correio hoje. Algo dos Estados Unidos, a julgar pelo selo. O seu neto, talvez? – A sobrancelha esquerda arqueou-se – um ponto de interrogação – e a sua voz baixou até se tornar um murmúrio gutural. – Coisa deplorável, aquilo. Simplesmente deplorável. E sendo ele tão bom rapaz.

Enquanto Sylvia exprimia a sua desaprovação, agradecei-lhe pela carta. Gosto da Sylvia. Ela é uma das poucas pessoas capazes de ver para lá das rugas no meu rosto a rapariga de vinte anos que habita em mim. Não obstante, recuso deixar-me levar para conversas sobre o Marcus.

Pedi-lhe que abrisse as cortinas e ela comprimiu os lábios pouco antes de passar a outro dos seus assuntos preferidos: o clima, a probabilidade de nevar no Natal, a devastação que iria causar aos residentes locais que sofrem de artrite. Respondia quando necessário mas só pensava no envelope que tinha no colo, perdida que estava na escrita tortuosa, nos selos estrangeiros, arestas esbatidas que indiciavam grandes atribulações.

– Porque não deixa que lhe leia isso, – perguntou Sylvia, dando às almofadas um último e confiante ajuste, – para descansar um pouco os olhos?

– Não, obrigada. Mas talvez me pudesse passar os óculos?

Quando ela saiu, prometendo voltar e ajudar-me a vestir assim que acabasse a ronda, retirei a carta do sobrescrito, as mãos a tremer como de costume, perguntando-me se ele viria finalmente para casa.

Mas a carta não vinha do Marcus. Era de uma jovem que estava a fazer um filme sobre o passado. Queria que eu desse uma olhada nos cenários, para recordar coisas e lugares de antigamente. Como se eu não tivesse já passado toda uma vida fingindo esquecer.

Ignorei aquela carta. Dobrei-a cuidadosa e discretamente, meti-a dentro de um livro que há muito desistira de ler. Então suspirei. Não foi a primeira vez que me lembraram do que aconteceu em Riverton, ao Robbie e às irmãs Hartford. Vi uma vez a parte final de um documentário na televisão, algo que a Ruth estava a ver acerca da relação entre alguns poetas e a guerra. Quando o rosto do Robbie encheu o ecrã, o seu nome escrito no fundo com um tipo de letra modesto, senti picadas na pele. Mas não aconteceu nada. A Ruth não se mexeu, o narrador continuou e eu fui enxugar os pratos do jantar.

Noutra ocasião, ao ler o jornal, a minha vista foi atraída para um nome familiar num comentário do guia televisivo; um programa que comemorava os 70 anos do cinema britânico. Tomei nota da hora, com o coração aos pulos, perguntando-me se teria coragem de o ver. Acabei por adormecer antes que acabasse. Pouco havia acerca de Emmeline. Algumas fotos publicitárias, nenhuma das quais mostrava a sua verdadeira beleza, e o excerto de um dos seus filmes mudos, *The Venus Affair*, que a fazia parecer estranha: bochechas ocas; movimentos desajeitados como uma marioneta. Não houve referências aos outros filmes, os que tanta confusão ameaçaram provocar. Suponho que nem são dignos de menção nestes dias de promiscuidade e permissividade.

Mas embora já me tivesse confrontado com tais memórias antes, a carta de Ursula foi diferente. Foi a primeira vez em mais de 70 anos que alguém *me* associara aos acontecimentos, se lembrou que uma jovem chamada Grace Reeves estivera em Riverton naquele Verão. Fez-me sentir vulnerável de algum modo, discriminada. Culpada.

Não. Fui intransigente. Aquela carta não teria resposta.

E assim foi.

Algo estranho começou a suceder, contudo. Memórias, há muito consagradas aos recantos escuros da minha mente, começaram a escapar

pelas frinchas. As imagens vinham à tona, inalteradas, como se toda uma vida não tivesse decorrido entretanto. Assim, após as primeiras gotas hesitantes, o dilúvio. Conversas inteiras, cada palavra, cada nuance; cenas reproduzidas como num filme.

Surpreendi-me a mim mesma. Ao passo que a minha memória recente foi roída pelas traças, o passado distante parecia-me bem definido e nítido. Têm aparecido com frequência ultimamente, esses fantasmas do passado, e surpreende-me constatar que não me incomodam tanto como isso. Não tanto como supunha que o fariam. Na verdade, os espectros de que passei a vida a fugir tornaram-se quase um conforto, algo que recebo de bom grado, cuja chegada antecipo, como uma daquelas séries televisivas de que a Sylvia está sempre a falar, apressando a sua ronda para poder vê-las na sala de convívio. Tinha-me esquecido, suponho, que no meio da escuridão havia memórias coloridas.

Quando a segunda carta chegou na semana passada, com a mesma letra áspera no mesmo papel suave, sabia que ia aceitar, iria visitar os cenários. Estava curiosa, uma sensação que já não tinha há algum tempo. Não resta muito para nos despertar a curiosidade quando se chega aos 98 anos, mas eu queria conhecer esta Ursula Ryan que pretende trazê-los todos à vida novamente, que estava tão apaixonada pela sua história.

De modo que ditei uma carta, pedi a Sylvia que a remetesse pelo correio, e combinámos um encontro.